**CONVERSAS NA COZINHA: DIÁLOGOS SOBRE EDUCAÇÃO FAVELAR COM UMA EX-MERENDEIRA**

Evelyn dos Santos Soares

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Resumo**

Há a existência de uma luta diária e constante traçada há muito tempo no campo da educação brasileira, que se intensifica quando pensamos educação no sistema público de ensino dentro das favelas e comunidades carentes. O trabalho busca a partir de uma análise reflexiva pensar as contribuições, percepções e posicionamentos de uma ex-merendeira escolar negra e nordestina, através de seus relatos de experiências de vida, indo muito além da cozinha. O exercício de reflexão que proponho é lançar luz sobre como o papel feminino negro dialoga e atravessa a educação favelar, bem como reconhecer sua participação e representatividade tão invisibilizada nesses espaços.

**Palavras Chaves:** educação, favelas, mulheres negras.

Abro a porta e, da varanda, vejo Dona Nana ali em cima ou lá no portão, sentada, contando algo a alguém. Dona Nana está sempre contando algo, recente ou passado. Às vezes, conta coisas de sua vida lá em Pernambuco e, como boa mulher nordestina que é, são as mais variadas e detalhadas histórias que pode contar. Outras vezes fala sobre as histórias da favela, a história da favela e a história de sua vida. Trabalhou na cozinha do Hermínia[[1]](#footnote-1), no bairro do Centenário, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, por vinte e três anos. E aqui, no morro São Sebastião[[2]](#footnote-2), no Centenário, ela já viveu e viu tanta coisa... Toda vez que estou passando e me chama para conversar, sua voz me pega no meio do caminho, descendo ou subindo a ladeira de nossa humilde avenida, e me detenho ao pé de Dona Nana, ouvindo atenta, guardando tudo o que posso. Deixo-me ser atravessada por suas palavras. As coisas que Dona Nana fala soam diferentes quando vindas dela e parece não terem o mesmo efeito sobre quem as ouve quando ditas por outra pessoa. Se começa a falar, uma de suas filhas sempre diz: “ó escuta”.

E é o que faço.

Da escrita à oralidade, inclino-me a ouvir o que dizem minhas companheiras negras. Seja nas palavras que como flechas lançadas não voltam mais, seja nas palavras que posso ouvir sendo liberadas no presente momento, todas elas me despertam o interesse. O que mais elas tem a me dizer que um dia não conseguiram? O que essas mãos pretas que, num ato de rebeldia e coragem, conseguiram tocar a pena e escrever querem que eu saiba? O que essas bocas pretas tão silenciadas querem falar que eu ouviria desde seus sussurros a seus gritos? Quero ouvir todas elas, cada uma delas, cada voz, de todas as formas quanto puderem chegar a mim. Ouvir Dona Nana é dar a escuta a um poder de fala muitas vezes destituído de sua força (hooks, 2013). Podem me dizer “mas eu ouço mulheres negras, o que dizem me toca e me identifico com elas”. Mas em que pode se identificar alguém que não compreende o peso de uma fala sobre uma realidade não vivida? O que te toca quando falamos de nossas dores e vivências marcadas pelas dificuldades impostas por uma sociedade que não nos faz esquecer quem somos da pior maneira, cuspindo em nossas faces “Tu és mulher e preta”? Gritam-nos “preta”[[3]](#footnote-3), enquanto falamos. O fazem de tal forma como se ser mulher preta não fosse uma dádiva, uma benção. “Tu és mulher e preta!”. E vão nos pegar como objeto de estudo, nos virarão ao avesso sem cuidado, num olhar analiticamente distante e concluirão alguma coisa que será largamente difundida, e dirão: ouvi mulheres negras. Talvez leiam nossos diários, ouçam nossa música, se encantem com o movimento ritmado de nossos corpos, nos acompanhem em nossos cultos e rituais. Mas é só isso. Não nos ouvem realmente, não nos veem realmente, pois sua branquitude narcisista procurará maneiras de se projetar em nós. Nossas palavras estão ali, entre eles, mas não o afeto, o significado que nelas depositamos. E quando ouço Dona Nana falar “já passei muita coisa nessa pele, mas eu amo essa pele, jamais teria vergonha de ser preta”, soa forte, soa lindo. Assim, ouvir ser chamada “preta” não a silencia, mas potencializa sua voz.

*E bendigo aos céus porque quis Deus que negro azeviche fosse minha cor*. [[4]](#footnote-4)

Dona Nana desde que soube que eu faço pesquisa e que minha dissertação (o que ela insiste em chamar de “biografia”) envolve mulheres negras no cotidiano escolar, resolveu que me apresentaria orientadoras pedagógicas, coordenadoras escolares, diretoras, todas negras. Ela também quer que eu escute. “Você precisa conhecer a diretora tal. Ela já foi entrevistada para uma pesquisa. Ela é muito importante!”. Digo que quero ouvir o que ela tem a falar e ela diz que tem gente como nós (e aponta para a pele) que é mais importante que ela e pode me contar coisas mais importantes que ela. Mas o que torna algo importante é o valor que damos aquilo. E há grande valor nas pessoas de saberes ditos menores[[5]](#footnote-5), na história que ninguém ouve, no saber que ninguém se debruça a conhecer, no cotidiano simples que, se ouvirmos cuidadosa e atentamente, encontraremos narrativas preciosas. E, para mim, as pequenas histórias de Dona Nana se tornam grandes conforme ela as conta. Dentro da pesquisa com cotidianos escolares, costumamos ouvir apenas dois grupos de vozes: os educadores e os educandos. Ou os educadores ou os educandos, pois eles dificilmente sentam-se a mesma mesa para conversar com o pesquisador; eles estão em cantos opostos da sala. Mas uma sala possui quatro cantos e uma escola tantos cantos que seria difícil de contar. E em cada um desses cantos uma conversa está acontecendo. E, se por relapso ou descaso, ignorarmos essas conversas e o que elas podem nos revelar, corremos o risco de vivermos reproduzindo as mesmas perspectivas dos mesmos relatos de cotidianos escolares já contados e ouvidos, apenas por pessoas de lugares diferentes. Corremos o risco de uma única narrativa (Adichie, 2019), que transita apenas entre as mesmas vozes. Assim, despertou-me o desejo de sentar para conversar com uma ex-merendeira da rede pública. O cotidiano escolar não se dá apenas em sala de aula. Ele acontece no pátio, nos corredores, nas escadas, sala de coordenação, na quadra poliesportiva, nos canteiros, nos cantos em que os inspetores se esquecem de olhar, no refeitório, na cozinha. Não falo então de *um cotidiano escolar*, mas *os cotidianos escolares* vividos por diversos sujeitos que se encontram. E dentro dessa tessitura de cotidianos e vivências escolares, encontro-me com uma senhora carinhosamente apelidada de “tia da cozinha” para conversar sobre educação.

Inicialmente, pensei em partir da metodologia de entrevistas para compor esta pesquisa. Mas percebi que não quero respostas diretas para perguntas diretas. Quero que os sujeitos participantes desta pesquisa conversem comigo. Conversar os cotidianos escolares na favela. Conversa é cotidiano (Ribeiro, 2018). Quero encontrar nas conversas as questões sobre educação favelar que dificilmente surgiriam numa entrevista padrão. E as conversas são isso, o lugar do encontro. Do eu com o outro e do eu comigo mesma. E do encontro de coisas que nem sabia que estava procurando e acabo por encontrar na fluidez e imprevisibilidade de uma conversa (Ferraroti, 2014)[[6]](#footnote-6). E Dona Nana gosta de conversar. Nas conversas que temos, fala sobre raça, sobre gênero, sobre a precariedade no ensino de crianças e adolescentes nas favelas, sobre o descaso do poder público, sobe questões sociais, sobre militância política. Pode uma merendeira ser tão articulada assim? Sim, pode. Ao que falta de instrução formal às mulheres que trabalham nas cozinhas, lhes transborda a experiência de vida. Essa experiência, esses saberes que, em algumas pessoas, é tão rico e vasto. Assim, pensar educação através das memórias de merendeira escolar de Dona Nana é pensar como a vivência de uma mulher preta nordestina atravessa os cotidianos escolares, carregando consigo algo deles e deixando neles algo seu, como seus próprios conflitos se confundem com os conflitos da educação favelar, carregando consigo toda uma história de vida de perdas, conquistas, lutas e amores.

**Referências**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. ***O Perigo De Uma História Única***. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FERRAROTTI, Franco. ***História e Histórias de Vida*: O Método Biográfico Nas Ciências Sociais**. Natal, RN – EDUFRN, 2014.

HOOKS, bell. ***Ensinando A Transgredir: A Educação Como Prática De Liberdade***. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. ***Conversa Como Metodologia de Pesquisa: Por Que Não?***. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RIBETTO, Anelice; CALLAI, Cristiana. ***Uma Escrita Acadêmica Outra*: Ensaios, Experiências e Invenções**. Rio de Janeiro, Lamparina editora, 2016.

SANTOS, Milton. ***As Cidadanias Mutiladas.*** In: O Preconceito. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997.

1. Escola Municipal Hermínia Caldas da Silva, fundada em 19 de agosto de 1991 sob a Lei nº 1067. [↑](#footnote-ref-1)
2. Conhecido como Morro do Sapo, que faz parte do conjunto de favelas do Complexo da Mangueirinha de Duque de Caxias, RJ. [↑](#footnote-ref-2)
3. Em referência ao poema “Me Gritaram Negra” (1960), da escritora e artista Victoria Santa Cruz (1922-1914). [↑](#footnote-ref-3)
4. “Me Gritaram Negra” (1960), Victoria Santa Cruz (1922-1914). [↑](#footnote-ref-4)
5. Deslocamento do conceito deleuzze-guatarriano de “literatura menor” para pensar os saberes menores na escola. [↑](#footnote-ref-5)
6. Do prefácio à edição em língua portuguesa por Christine Delory-Momberger. [↑](#footnote-ref-6)